

A ACTUALIDADE



Tres kagados





O paiz anda cheio de enthusiasmo porque o franganote da justiça acceitou a renuncia da mitra ao arcebispo de Braga.

Afinal de contas todo este enthusiasmo não significa o gaudio do paiz pela desaffronta dos direitos da nação que o arcebispo contestava e se dispunha a desacatar, mas sim a satisfação da má vontade do pequeno contra o grande.

Não foi a victoria do ministro n'uma escaramuça contra a reacção, nem foi a affirmação de um principio de tal ou qual escola liberal, que moveram o enthusiasmo dos leitores da folha official e das que celebraram o feito o franganote, foi a pedrada do pequeno David no gigante Golias, foi a bicada do galinho mal emplumado no terror da capoeira.

Se ao paiz lhe importasse com a reacção para alguma coisa, se o seu espirito liberal se insurgisse deveras contra a preponderancia clerical e a absorpção de todos os poderes do estado pela nunciatura, já tinha reagido ha mais tempo, já tinha manifestado a sua opinião, apesar da tolerancia dos governos para com a reacção e do rigor com que tratam alguns raros que pretendam molestá-la.

Do que todos gostaram foi de fazer surriada ao arcebispo, porque quanto á influencia clerical os proprios que agora applaudiram o franganote ministro, são amanhã os primeiros a favorecel-a e augmental-a com a sua negligencia.

N'isto como em tudo o mais, os que são mais adiantados de idéas, confiam em que o governo ha de resolver por elles todos os problemas da sua vida. Se o padre os incommoda em casa, no pulpito, no confessorio; se lhes desvaria a cabeça das mulheres e enche de embustes a dos filhos, se lhe faz a desordem no lar domestico, se o torna um manequim movido por vontade alheia, se lhe dá volta ao proprio miolo, o governo que lhe acuda, que lhe ponha o padre fóra da freguezia, da casa, do confessorio e do pulpito.

Em vez de educar os filhos nos principios da sã moral e de solidas virtudes, quasi toda a gente os confia nos primeiros annos á doutrina fanatica, idiota ou perfida de um padre bom ou mau ou de quem leia pela mesma cartilha. Se os filhos lhe apparecem um dia cheio de idéas falsas, de exageradas devoções, com o espirito acanhado e atrophiado, queixam-se dos mestres a quem os entregaram, como se as mães que confiaram a amamentação das creanças a amas pouco saudaveis podessem condemnar estas pelas doenças que de futuro se manifestassem nos filhos.

De não fazer mal um bocadinho de devoção ás mulheres, como dizem muitos, resulta sem a energia ou o bom conselho do chefe de familia, que ellas passam o dia na egreja, ouvindo as baboseiras de qualquer padrecinha sem illustração, que lhe povoa a cabeça de crendices e terrores, que as transforma de boas esposas e mães de familia em caudatarias do padre Fuão ou Beltrão.

O chefe da familia, no meio de filhos com taes mestres e mulheres com taes mentores, ou tem de passar para os seus por um impio, que o menos que inspira é dó, ou tem de fazer sucia com o beaterio da familia, para não quebrar de todo os laços de parentesco e de um resto de afeição que os padres lhes deixaram por extremada caridade.

Ora sendo todos assim, pouco mais ou menos, a valentia praticada pelo ministro da justiça contra o arcebispo de Braga, pouco resultado produzirá contra a reacção religiosa, salvo se o governo se resolver a enforçar o ultimo bispo com as tripas do ultimo padre.



### O Tejo e o Douro

É alta a noite; no Passeio Publico  
Reina a mudez; nem um só gato é lá;  
E o grande Tejo, figurão marmoreo,  
Diz para o Douro, que defronte está:

Irmão, choremos, innocentes victimas  
Da raiva insana do senhor Cócó,  
Que as nossas grades nos empalma, e deixa-nos  
A furia expostos dos garotos... Oh!..

Em breve (assusta-me esta idéa lugubre!)  
Desnarigado me vereis aqui...  
Quebrado o sceptro que na mão, impavido  
Por tantos annos sobranceiro ergui!

Responde o Douro, suspirando fêrvido:  
Fêl-a bonita o nosso amigo... fez!..  
Parece mesmo que é parente proximo  
D'estes patinhos que nos 'stão aos pés!

.....  
E o Tejo e o Douro, em fervorosas lagrimas,  
Lamentam sorte de tamanho horror;  
E os patos na agua se espantam, lyricos...  
Pois quem é pato nunca sente a dôr!



Está entre nós Arthur de Azevedo, notavel escriptor brasileiro.

Entre nós sem calembourg, porque Arthur de Azevedo está tão livre que acaba de fazer a viagem do Rio de Janeiro até Lisboa sem impedimento da policia. Vem passear o seu bello talento e distrahir o seu espirito delicado n'esta cidade de marmore e de typhos á beira mar plantada, pelo que não lhe gabamos o gosto, felicitando-nos comtudo por essa original excentricidade que nos permite apertar a mão ao distincto dramaturgo.

O *Diario Illustrado* e outras folhas não menos illustradas cá da terra, occupam-se ha dias d'uma questão de soalho suscitada entre dois irmãos extremos — os manos Nepomucenos — que não duvidaram vir para o descampado da imprensa fazer o estendal das rodilhas da sua vida.

O leitor das folhas sérias, que em vez de se instruir e recreiar com doutrinas scientificas e noticias interessantes, tem de deglutir quatro ou cinco columnas d'aquelle gaspacho de taberna, dá ao diabo os dez réis dispendidos e a escolha dos manos Nepomucenos, mas a imprensa séria pouco se amofina com os enfados do leitor, porque da perda de dois ou tres assignantes ficou ella bem resarcida com a publicação da asquerosa devassa — a dois patacos por linha!

A imprensa séria podia muito bem lembrar aos dissidentes a praça do Campo de Sant'Anna como local mais apropriado para esse genero de exercicio dos quartos trazeiros, mas preferiu que os Nepomucenos viessem escoicear-lhe em casa, importando-lhe pouco que em quanto levantavam os pés reciprocamente se lhe firmassem no proprio lombo, assentando n'elle as patas dianteiras.

E que a imprensa séria não sente as arestas dos rompões quando as ferraduras são de prata...



### As toilettes de Sarah Bernhardt na Feodora



A questão das toilettes de Sarah Bernhardt na Feodora tomou em Paris as proporções de um conflicto imminente com a Allemanha. Paris revoltou-se contra a falta de patriotismo de Sarah Bernhardt, que mandou fazer as toilettes da Feodora por alfaiates estrangeiros. As quatro toilettes que hoje desenhámos custaram 10 contos de réis á actriz franceza.

Já é uma bonita conta para incitar o patriotismo das modistas de Paris. Entretanto, os patriotas francezes tratam de impingir os seus productos ao resto do mundo que, na falta de patriotismo, vai comprando e pagando—Aviso ás lisboetas; se quizerem patentear em toda a evidencia o seu patriotismo, têm de se vestir de chita da fabrica de Sacavem, e por estes figurinos. E quanto menos fazenda, mais patriotismo.





# A QUESTÃO DO CONGO



• Vocês é que o descobrem, mas quem o bebe sou eu...



!!!!!!

Que fazes, ó Rosa?...  
 Offendes as *nymphas*?...  
 Nas gradas tu *fimfas*  
 Com sanha cruel?...  
 Desejas acaso,  
 Figura roliça,  
 De pedra e calíça  
 Fazer um pastel?

Pois tu não respeitas  
 Essas testemunhas  
 Das mil caramunhas  
 De férvido amor?...  
 Não viste os Adonis,  
 Atraz d'essas grades,  
 P'ra as suas deidades  
 Bifarem a flôr?

Não viste o galucho  
 Com fé tarimbeira  
 Lançar á sopeira  
 Sympathico anzol?...  
 Não viste os amantes  
 Chuparem teus bolos,  
 Sem dó dos miolos  
 Torrarem ao sol?...

Ah Rosa! meu Rosa!  
 Ah! quem me diria  
 Que em tanta poesia  
 Ferrasses quinau!...

Pranteia! Pranteia,  
 Sensível Carriche,  
 Mettido no briche  
 Do teu balandrau!

És lyrico; — vejo-o  
 Mais claro do que agua;  
 Pungido da magua  
 Entraste a chorar.  
 — Tu choras na epistola;  
 Eu choro em meus cantos!  
 Juntemos os prantos  
 No mesmo alguidar.



THEATRO DE U. MARIA  
 O TESTAMENTO DE C. IRODOT.



TANTO CABELO E VERDEIRA UNIVERSALITE

### A Raphael Bordallo

*Na ocasião de lhe desentalarem metade da perna*

Parabens! que a gambia coxa  
 Já se mostra meia á véla,  
 Rechunchuda, gorda e bella  
 Como um presunto de Chaves,...  
 E uma vez que ella se mostra  
 Tão perfeita — sem lisonja —  
 Com sabão, potassa, esponja,  
 — É mister que a perna laves...

Foi, Bordallo, se do caso  
 N'este instante bem me lembro,  
 Nos principios de novembro  
 Que soffreste a dura magoa.  
 E de então, ha mais d'um mez,  
 Sempre immovel, n'uma trouxa,  
 Nunca mais a perna coxa  
 Avistou nem sombra d'agua!

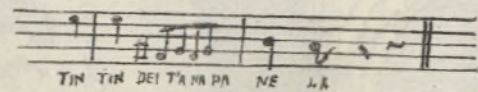
Tu, que no dia seguinte  
 Á terrível quebradella,  
 Da fractura da canella  
 Fizeste um soberbo assumpto;  
 Tu, que da atroz cambalhota  
 A triste historia illustraste,  
 E feliz te confessaste  
 Por ter's lavado o presunto;

Deves hoje, que essa perna  
 Já está livre do trambolho,  
 Pol-a trez dias de molho  
 — E talvez que seja pouco! —  
 Deves salgá-a a valer  
 P'ra que o cebo não crie ranço  
 Esfregando-a sem descanso  
 Com potassa escova e côco...

É mister, se bem que a dôr  
 Inda a gambia te atenasa,  
 Dizer á moça da casa  
 Que te faça uma barrella...

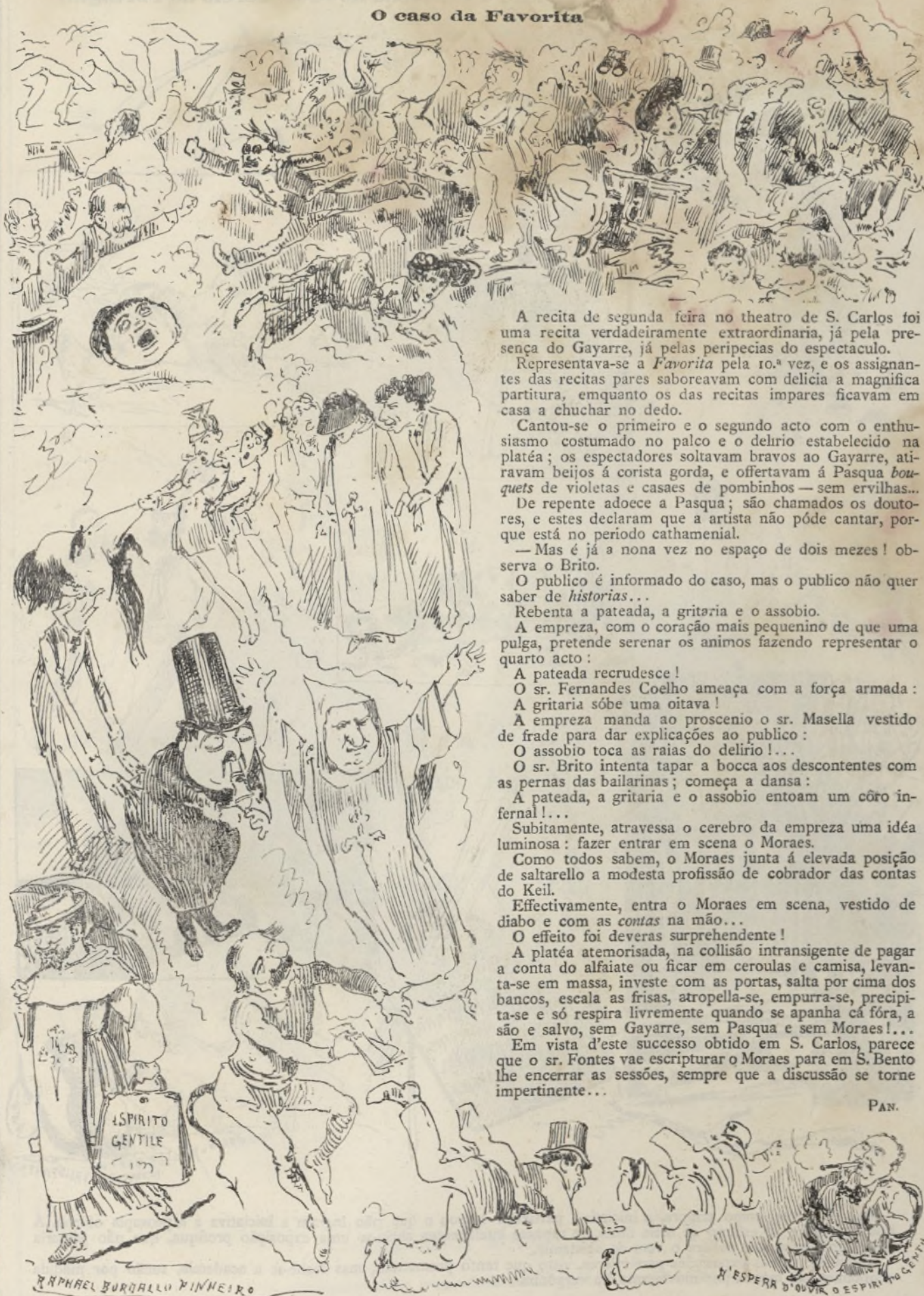
.....  
 Termino os versos em musica  
 P'ra lhe dar memoria eterna:  
 Tin tin vae la var a per na,  
 Tin tin dei t'á na pa ne la...

PAN.





## O caso da Favorita



A recita de segunda feira no theatro de S. Carlos foi uma recita verdadeiramente extraordinaria, já pela presença do Gayarre, já pelas peripecias do espectáculo.

Representava-se a *Favorita* pela 10.<sup>a</sup> vez, e os assignantes das recitas pares saboreavam com delicia a magnifica partitura, enquanto os das recitas impares ficavam em casa a chuchar no dedo.

Cantou-se o primeiro e o segundo acto com o enthusiasmo costumado no palco e o delirio estabelecido na platéa; os espectadores soltavam bravos ao Gayarre, atiravam beijos á corista gorda, e offertavam á Pasqua bouquets de violetas e casaes de pombinhos — sem ervilhas...

De repente adoce a Pasqua; são chamados os doutores, e estes declaram que a artista não pôde cantar, porque está no periodo cathamenial.

— Mas é já a nona vez no espaço de dois mezes! observa o Brito.

O publico é informado do caso, mas o publico não quer saber de *historias*...

Rebenta a pateada, a gritaria e o assobio.

A empresa, com o coração mais pequenino de que uma pulga, pretende serenar os animos fazendo representar o quarto acto:

A pateada recrudescer!

O sr. Fernandes Coelho ameaça com a força armada:

A gritaria sóbe uma oitava!

A empresa manda ao proscenio o sr. Masella vestido de frade para dar explicações ao publico:

O assobio toca as raias do delirio!...

O sr. Brito intenta tapar a bocca aos descontentes com as pernas das bailarinas; começa a dansa:

A pateada, a gritaria e o assobio entoam um côro infernal!...

Subitamente, atravessa o cerebro da empresa uma idéa luminosa: fazer entrar em scena o Moraes.

Como todos sabem, o Moraes junta á elevada posição de saltarello a modesta profissão de cobrador das contas do Keil.

Effectivamente, entra o Moraes em scena, vestido de diabo e com as *contas* na mão...

O effeito foi deveras surpreendente!

A platéa atemorizada, na collisão intransigente de pagar a conta do alfaiate ou ficar em ceroulas e camisa, levanta-se em massa, investe com as portas, salta por cima dos bancos, escala as frisas, atropella-se, empurra-se, precipita-se e só respira livremente quando se apanha cá fóra, a são e salvo, sem Gayarre, sem Pasqua e sem Moraes!...

Em vista d'este successo obtido em S. Carlos, parece que o sr. Fontes vae escripturar o Moraes para em S. Bento lhe encerrar as sessões, sempre que a discussão se torne impertinente...

PAN.



**A exposição de quadros modernos na redacção do «Commercio de Portugal»**

Desenhos extraídos do catálogo ilustrado, coordenado por Alberto d'Oliveira.



Mais uma vez, como sempre, a iniciativa particular logrou o que não logram a iniciativa e a prosapia official. Á boa vontade e ao esforço de meia dúzia de rapazes intelligentes abriu-se uma exposição profíqua, que não passaria de insignificante se-a sellára o veto da academia.

Abram-se pois as exposições particulares, visto que tanto promettem, mas feche-se a academia, senão por medida económica, ao menos por movimento de vergonha.